

Bastos, Camila. **O corpo como artefato e estratégias feministas**. Rio de Janeiro: UNIRIO. Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas; Mestrado; Charles Feitosa.

## RESUMO

Atentando para uma nova ênfase no corpo como principal agenciador do discurso cênico na cena contemporânea, esta pesquisa busca relacionar os procedimentos criativos dos espetáculos *Corpo/Ilícito*, de *La Pocha Nostra* e “*B-T-G-P-T-1-4-0-5-9-CÂMBIO*”, do coletivo Teatro de Operações, com estratégias características de práticas artísticas feministas. Dentre tais estratégias destaca-se a utilização do próprio corpo para desnaturalizar “o outro”, e o olhar sobre a alteridade constitutiva de cada sujeito. Sabe-se que o corpo é o território privilegiado de intervenção biopolítica, o lócus onde se encarnam as principais batalhas que travamos. Porém os corpos não são simplesmente produtos do regime de poder em que estão inscritos, uma vez que também o produzem. Tratar de política a partir de questões que estão encarnadas no próprio corpo, através de certas estratégias, permite situar tais criações em uma genealogia das práticas ativistas e artísticas ligadas ao feminismo, práticas que buscam problematizar os processos hegemônicos de subjetivação. Mesmo considerando o fato de que existem diversos feminismos, que possuem consideráveis diferenças entre si, aqui “o feminismo” é entendido como um dos mais significativos discursos críticos surgidos no século XX que irá debruçar-se o corpo e suas implicações políticas.

**Palavras-Chave:** Corpo; Feminismo; Alteridade; Desnaturalizar

## ABSTRACT

Noticing a new emphasis on the body as the main agency of the scenic discourse on the contemporary scene, this research tries to relate the creative procedures of the *Corpo/Ilícito*, by *La Pocha Nostra*, and “*B-T-G-P-T-1-4-0-5-9-CÂMBIO*”, by *Coletivo Teatro de Operações*, with characteristic strategies of artistic feminist practices. Among these strategies are the use of their own body to deconstruct “the other”, and the look on the constitutive otherness of each subject. It is known that the body is the privileged territory of biopolitical intervention, the embodied locus where the major battles we fight take place. But the bodies are not just products of the system of power in which they are registered, since they also produce it. Address policy from issues that are incarnated in the body itself through certain strategies allow us to situate such creations in a genealogy of activists and artistic practices related to feminism, practices that seek to problematize the hegemonic processes of subjectivity. Even considering the fact that there are many feminisms, which have substantial differences between each other, here “feminism” is understood as one of the most significant critical discourses that emerged in the twentieth century that will focus on the body and its political implications.

**Keywords:** Body; Feminism; Otherness; Deconstruct

Proponho, em linhas gerais, que o corpo pode ser concebido como um artefato a partir de três vieses: artefato, segundo dicionários brasileiros do século passado, é um produto da indústria; no campo da arqueologia e da antropologia um artefato diz respeito a um objeto feito pelo homem que fornece indicações sobre a época a que pertenceu, revelando informações sobre a cultura de seu criador e de seus usuários; já sua definição etimológica deriva do latim *arte factu*, feito com arte. De que maneira conceber o corpo como artefato pode ser considerado uma estratégia feminista? Como tal concepção pode ajudar a desenvolver estratégias para práticas artísticas feministas?

Ao conceber o corpo como artefato e ao atentar para um fôlego renovado no interesse de artistas pelo o próprio corpo (em suas mais diversas dimensões), deseja-se apontar para a emergência do enfrentamento aos dispositivos biopolíticos nas artes cênicas – teatro e performance – já que parece haver um reconhecimento de que o corpo como materialidade significativa é construído a partir de discursos e normas que permitem reconhecer este corpo como *um corpo*. Discursos e normas acerca do corpo restringem seu pertencimento a “determinado sexo” ou a “determinada raça”, por exemplo, ou ainda como sendo normal ou patológico, saudável ou deficiente. O corpo biopolítico é o corpo racializado, sexualizado, generificado. Um corpo que serve ao propósito de produção da vida sob determinadas condicionais.

Nos trabalhos de ambos os grupos investigados, *Corpo/Ilícito: The Post Human Society 6.9* do *La Pocha Nostra* e “B-T-G-P-T-1-4-0-5-9-CÂMBIO”, do coletivo Teatro de Operações, observa-se o uso do próprio corpo como principal agenciador do discurso cênico e como a matéria-prima privilegiada em seus processos criativos.<sup>1</sup> Além disso, ambos se valem prioritariamente de discursos visuais na sua forma estética. No processo criativo do *La Pocha Nostra* o corpo é entendido como o lócus do ativismo. Em seus laboratórios de criação há relevantes estratégias de uso do próprio corpo como principal plataforma poética. Destacam-se (após uma série de dinâmicas através das quais cria-se uma “comunidade efêmera” entre os participantes), os exercícios “A Mirada”, “Exploração Multisensorial” e “Etnografia Poética”. Tais exercícios permitem que cada participante venha a desempenhar uma auto-interpelação de si. Esta tríade especial talvez seja o que permita, no processo criativo do *La Pocha Nostra*, perceber e questionar como se constroem as alteridades, e as tecnologias de produção de identidade.

Vale destacar aqui o exercício “etnografia poética”, no qual quem está desempenhando a função de “etnógrafo-artista” trabalhará sobre, com, o corpo de quem está desempenhando a função de “espécie-matéria”. O segundo sempre tem os olhos fechados e com seu corpo como matéria-prima sensível o “etnógrafo-artista” tratará de encontrar imagens potentes. Ao final dessa dinâmica, tais imagens serão criadas com tudo o que compõe este corpo, desde suas marcas pessoais (cor de pele, cabelo, cicatrizes, tatuagens, acessórios, etc.) até sua roupa. É uma concepção expandida e crítica do que se entende por corpo, ou por *um corpo*. Em seguida, trabalha-se com essa “matéria” e o espaço físico formando um só corpo, ou seja, quando a criação de uma obra não se dá *no espaço* e sim *com* este, bem a maneira do que em arte contemporânea se convencionou chamar de *site specific*. A etnografia

poética é um momento no qual podem surgir significativas reflexões sobre quais as técnicas de produção de identidade que nós mesmos utilizamos e quais são as tecnologias que a nós nos resultam produtoras de alteridade. Em cena vemos corpos considerados marginalizados dentro da lógica binária e hierárquica que organiza o mundo ocidental. Um corpo considerado “de mulher”, ou “um corpo negro/imigrante”, ocupa o lugar de objeto (devido à disposição cênica que alude ao diorama), mas age como sujeito da enunciação sem, entretanto, valer-se de seu papel de vítima na denúncia das opressões. Isto tem o potencial de gerar um curto-circuito na recepção do público uma vez que, partindo do senso comum, o que se esperaria é que tais corpos denunciasses as opressões valendo-se de suas condições de vítima, permanecendo assim objetos de análise e de compaixão dos espectadores. E não é isto o que ocorre em *Corpo/Ilícito*, mas sim um curto-circuito de fato ou, como já presenciei, o vômito literal de alguns espectadores.

No processo criativo de “B-T-G-P-T-...”, o foco do Teatro de Operações era a criação artística a partir da convivência intensa entre os participantes, que em sua maioria não se conheciam. Partilhavam de diferentes classes sociais e pertencimentos identitários. A criação se dava a partir do encontro e do choque entre as alteridades. Para a exploração da relação entre corpo, cidade e natureza, elementos que interessavam ao grupo, foram utilizadas duas ferramentas conceituais: o corpo como campo de batalha e o processo da autópsia. Para investigar o próprio corpo como o lugar mesmo onde ocorrem as batalhas que travamos enquanto sujeitos buscou-se, através de uma série de estratégias pedagógicas e metodológicas, traçar uma cartografia micropolítica do próprio corpo.

Autópsia designa o ato de ver por si mesmo, de observar-se a si mesmo. Essa observação atenta e privilegiada de si foi deliberada e integralmente levado a cabo em coletivo. O fato de realizar tal processo integralmente em coletivo, e de se tratar de um trabalho de criação artística coletiva é importante e se relaciona tanto ao processo de construção desses corpos cênicos quanto ao processo posterior, executado pelos integrantes do coletivo, de concepção e reflexão sobre os mesmos. Para o processo de autópsia foram elencadas três dimensões a serem analisadas por cada participante: corpo-matéria; corpo-memória e corpo-imagem. Tal divisão (matéria, memória e imagem) não se pretende estanque e sim articuladora das intensidades que atacam e permeiam cada uma dessas dimensões. Os exercícios e dinâmicas eram orientados para possibilitar a dissecação tanto do espaço como do corpo, ambos pensados como um conjunto ou como um enquadramento específico de técnicas. O acesso a essas três dimensões advinha de uma espécie de “percepção política do espaço”, percepção que vem sendo fundamental na tessitura das operações que o coletivo realiza na rua. Assim, matéria, memória e imagem mostravam-se como campos importantes de exploração. “B-T-G-P-T-...”, diferentemente de *Corpo/Ilícito* é um trabalho que só acontece na rua, em espaços públicos distanciados do “campo artístico”, e foi pensado e criado, parcialmente, para/no espaço público.

Dentre as estratégias consideradas como chaves por pesquisadores de arte e ativismo está o princípio de “por o corpo”. O uso do próprio corpo como principal plataforma poética e a investigação de suas diversas dimensões

(plásticas, imagéticas, mnemônicas, enfim, políticas) é recorrente em práticas artísticas consideradas feministas pela História da Arte, ou por quem as criou. Entretanto, o uso do próprio corpo como principal plataforma poética e política e, digamos, como “o primeiro palco” da ação não basta para considerarmos tais práticas como vinculadas a trabalhos e pensamentos feministas. O diferencial está em saber-se de fato artefato. Em visibilizar para o público nossa condição de constructo social e performativo. Esse uso do próprio corpo permite desnaturalizar “o outro” e enxergar as tecnologias de produção de alteridade, uma vez que tal uso explicita ou embaralha os discursos hegemônicos produtores de diferença. O uso do corpo em ambos os trabalhos citados aponta para uma concepção crítica do que vem a ser *um corpo* já que há uma tentativa de diluir certas hierarquias como entre corpo e objeto, ou a preponderância do rosto como organizador da identidade na sociedade ocidental.

Outra estratégia comum entre *Corpo/Ilícito* e “B-T-G-P-T...” é o uso de discursos visuais em detrimento de discursos verbais. Intervir nas políticas de representação visual com corpos “não autorizados”, com corpos que deixam de ser objetos e passam a ser sujeitos, que desconstroem alguns dos binarismos estruturantes da sociedade ocidental é uma das principais tarefas das interferências transfeministas atuais pois o capitalismo cognitivo e pós-fordista que impera hoje domina o mundo via uma proliferação exacerbada de imagens. Para o filósofo, ativista queer e transfeminista Beatriz Preciado todo regime de poder é um regime político-visual <sup>2</sup>. De forma que uma das questões centrais dos feminismos continua sendo a luta pela própria representação e pelas políticas de representação visual.

Em que genealogia das práticas ativistas e artísticas vinculadas aos feminismos poderiam inscrever-se os procedimentos criativos e trabalhos artísticos aqui citados? Talvez na mesma genealogia em que poderíamos inscrever certos trabalhos de Martha Rolser, VALIE EXPORT, Carolle Scheenmann, Adrian Piper. Trabalhos que problematizam os processos hegemônicos de subjetivação pautados por identitarismos biológicos, rígidos, cartesianos, inscritos numa ordem biopolítica, ainda moderna e colonial. Nesta genealogia poderíamos inscrever também trabalhos de Lygia Clark (por que não?), já que sua busca artística era por outras paisagens existenciais. Atualmente teríamos também os trabalhos da colombiana Nadia Granados, no que diz respeito ao uso do próprio corpo como principal plataforma poética e dos objetos como sujeitos agenciadores de diferenças.

Vidas vivem em corpos. O aporte feminista de que faço uso se justifica pelo reconhecimento desta premissa pelo feminismo. Ao lançarmos uma mirada teórica sobre os procedimentos criativos e as cenas artísticas dos trabalhos citados, o estamos fazendo desde uma perspectiva transfeminista, que não reivindica “a mulher” como sujeito político do feminismo. É importante salientar que os estudos e os movimentos transfeministas não se pautam por categorias essencialistas ou ontológicas nem de sexo, nem de gênero, nem de sexualidade. Portanto, não só “a mulher” não é o sujeito político do transfeminismo, como tal movimento não possui um sujeito político único e tradicional. Pauta-se por uma análise transversal e interseccional das opressões corporais, raciais, econômicas, sexuais e de gênero. Orienta-se para

a transformação social e para a redefinição dos limites da esfera pública. Opera construindo redes, compartilhando processos de experimentação coletiva (mas sem propor modelos revolucionários universais) e inventando estratégias de resistência à violência da norma para redefinir as condições de sobrevivência do planeta.

<sup>1</sup> As reflexões desta investigação em curso só foram possíveis pela inserção da autora, em diferentes graus, tanto nos momentos de criação quanto em cena, com ambos os grupos e trabalhos.

<sup>2</sup>

Preciado se auto define como filósofo. Leciona História Política do Corpo e Tecnologias do Gênero em diversas instituições ao redor do mundo, e permanentemente na Universidade Paris VIII e no *Programa de Estudios Independientes*, no *Museu d' Arte Contemporani de Barcelona*.

## Referências Bibliográficas

BASTOS, Camila. *Operaciones Micropolíticas, Idle Talk #300*, Programa de Estudios Independientes, Barcelona, 2013, p-7-9, Disponível em <<http://morpei.org/ldletalk.pdf>> Acesso em 28/11/2014.

CARLSON, Marvin. *Performance, uma introdução crítica*, Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

GOMÉZ-PEÑA, G. & Sifuentes, R. *Exercises for Rebel Artists, Radical Performance Pedagogy*, Canada: Editora Routledge, 2011.

PRECIADO, Beatriz. O feminismo não é um humanismo, *O povo*, Fortaleza, nov. 2014, Disponível em <<http://www.opovo.com.br/app/colunas/filosofiapop/2014/11/24/noticiasfilosofiapop,3352134/o-feminismo-nao-e-um-humanismo.shtml>>, Acesso em 28/11/2014

\_\_\_\_\_. *Testo Yonqui*, Madrid: Ed. Espasa Calpe, 2008.

RED CONCEPTUALISMOS DEL SUR, *Perder la Forma Humana: una imagen sísmica de los años ochenta en América Latina*, Madrid: Editoriales del MNCAR, 2013.